

M u t o l a

1

Paulina Chiziane¹

O Chivambo gostava de contar histórias, mas esta era a sua preferida. Contava-a tantas vezes quantas podia. Uns ouviram-no quando pregava na Igreja Presbiteriana de Chamanculo, lá para os anos 1960. Os colegas ouviram-no no quarto do colégio da missão. Outros ainda ouviram-no de armas nos ombros, na marcha de libertação.

Era uma vez...

Um homem apanhou uma águia pequenina. Levou-a para casa e pô-la na capoeira. Educada como uma galinha, a águia até comia a comida dos patos. Comportava-se como uma verdadeira galinha.

Um biólogo passou por ali e exclamou:

— Uma águia na capoeira de galinhas?

— Era uma águia, mas transformei-a em galinha apesar de todo o seu tamanho – respondeu o dono da capoeira, muito vaidoso.

— Não, responde o biólogo. Uma águia é uma águia.

Nasceu para governar o mais alto dos céus.

— Esta? Nunca mais voará!

¹ Paulina Chiziane, nascida em Manjacaze, em 1955, na província de Gaza, Moçambique, vem se destacando como uma das mais renomadas escritoras contemporâneas de Língua Portuguesa, congratulada com Prêmio Camões em 2021. Estreou, em 1990, com a publicação de *Balada de amor ao vento*. Em seguida, publicou, entre outros, *Ventos do apocalipse*, *O sétimo*

juramento, *Niketche: uma história de poligamia*, *O alegre canto da perdiz*, *As andorinhas*, de onde extraímos esta narrativa, cedida pela autora através da editora brasileira Nandyala, *O canto dos escravizados* e *Ngoma Yethu: o curandeiro e o Novo Testamento*.

Discutiram. O dono da capoeira teimava e por isso, fizeram a aposta. O biólogo, erguendo a pesada ave, disse:

— Águia, águia, abre as tuas asas e voa.

A ave olhou para todos os lados. Viu o farelo e as galinhas a debicar. Voltou para o chão e continuou a sua vida de galinha. O dono afirmou, contente:

— Viu?

O biólogo teimou.

Fizeram a experiência mais três vezes e nada! A águia era mesmo galinha. Na quinta tentativa, o biólogo obrigou a ave a confrontar o sol enquanto implorava:

— Águia, águia, abre as tuas asas e voa!

A ave real abriu as asas e lançou-se no voo. Subiu, subiu até desaparecer no horizonte.

As águias, como as andorinhas, são filhas da liberdade.

2

— És completamente maluca, Lurdes – diziam as amigas lá do bairro. Tu não és mulher!

— Por quê? O que significa ser mulher? – questionava, incrédula.

— Ah! Mas que pergunta! – diziam com ar de gozo. Será que nunca viste nas revistas, nas novelas?

— Não tenho vontade nenhuma de perder o meu tempo a entrançar cabelos de boneca respondia, zangada.

— Devias, sim, preocupar-te com coisas de mulher. Por exemplo, ser mais sensual. Fazer enxoval. Concluir um curso de cozinha e outro de boas maneiras enquanto esperas um noivo, para casar e fazer filhos. Não é para isso que as mulheres servem?

— Farei tudo isso um dia!...

— Um dia? Vais perder essa juventude toda à espera do tal dia?

Manifesta-se a cegueira humana diante dos seres eleitos. Contemplando os gênios, nós, os vulgares, achamos diferentes, estranhos, curiosos e dignos das mais severas críticas. Diante deles, nos sentimos perfeitos e, vezes sem conta, ferimo-los com os sabres venenosos que residem nas nossas línguas...

— Conheço uma boa estilista, Queres vir?

Não tenho tempo, vou treinar.

Ah, só faltava essa. Não nos venha dizer amanhã que não tens namorado!...

— As andorinhas, correndo às voltas no céu, me inspiram. Atrás de uma bola no relvado, sinto-me a voar na conquista do mundo. Vou inscrever-me num clube de futebol. Que mal há nisso?

Vais estragar o corpo, Lurdes! Vais ficar com os músculos rijos. Os homens gostam de mulheres de peles lisas como caju. Gostam de músculos suaves como carne de frango. Vais jogar futebol? Enlouqueceste de vez.

— Pode ser que esteja louca, sim. Mas a bola me atrai. Depois dos treinos e da competição, poderemos ir?

Essa é boa! As duas coisas não casam. Ou escolhes uma, ou escolhes outra.

— Tudo bem, vou pensar. Mas, por favor, deixem-me realizar os meus sonhos e seguir a minha estrada.

Ninguém conseguia entender muito bem como é que ela conseguiu entrar num clube de futebol masculino, Devem tê-la aceite por curiosidade ou para experimentar. Ou para perseguir com fidelidade o postulado constitucional no que toca à igualdade entre homens e mulheres. Talvez porque,

nas leis do futebol, se esqueceram de escrever que este desporto era o santuário exclusivo dos homens. Ou simplesmente por lapso, nunca ninguém imaginara tal embaraço!...

No dia da partida, ela jogou futebol com mestria e marcou golos na equipa de homens. E ela jogou com elegância e sem a menor inquietação, para o assombro do mundo.

— Golôôôô!

Mas quem marcou o golo?

Depois do golo tão desejado, o embaraço da equipa. Como podiam eles celebrar a golada com abraços efusivos, abraços, saltos mortais, carregadas nas costas, tal como cabritos felizes rebolando nos prados, se ela era uma mulher? Como podiam abraçá-la, amassá-la, carregá-la, com toda aquela loucura e liberdade, se o corpo de mulher só pode ser tocado apenas pelo seu homem?

Os comentaristas da rádio relatam o fato com vozes sincopadas. Não sabem o que dizer ao certo, não foi ainda desenvolvido o vocabulário jornalístico para golos de mulher. Para remediar a situação, o locutor da rádio diz muitas asneiras.

Ah, que estranho. Nesta vitória, os golos foram de mulher, de homem não – gritava o locutor da rádio. As mulheres, normalmente, não jogam futebol.

O desconforto não tardou a vir dentro da equipa. Porque os homens começavam já a sentir-se menos homens e ela, uma mulher acima dos homens.

— Isto é nefasto para o estado psicológico da equipa, diziam os treinadores. Esta mulher não pode continuar aqui.

O treinador da equipa adversária grita, esbaforido, para os seus jogadores.

Gastei o meu melhor tempo, a minha melhor energia, a treinar uma equipa cacarejante. Se ao menos fossem galinhas poedeiras, poderiam, pelo menos, pôr um golo. Como homens, deviam ser superiores a ela. Ela, sim, tem muito valor. E uma águia numa capoeira de galinhas macho. Não posso suportar semelhante humilhação, demito-me!

O caso desta menina abalou o país inteiro. Os homens defenderam o seu espaço por decreto. Já não pode jogar – disseram. Era o regulamento. Cumpra-se. E assim a Lurdes foi legalmente afastada do santuário dos homens.

As mulheres celebraram o afastamento. Porque ser mulher de verdade é ser a beldade. Maquilhada. Uma miss escovada e lisa como uma boa montada. Os homens celebraram. Porque é mesmo incômodo ter um rival no feminino. Na vitória das mulheres, reside a desonra dos homens.

Pobre Lurdes. Sofreu a pressão das mulheres. Supor-tou, com dureza, a exclusão dos homens que, elegantemente, a afastaram em nome da lei. Foi discutida em reuniões magnas, onde só entravam os homens de fato e gravata. Discutida nos encontros dos bares, pelas mulheres dos mercados, por jornalistas, comentaristas, desportistas que só falavam do seu caso. Deve ter sido ainda mais difícil ouvir o caso propalado, aos quatro ventos, pelo jornal, rádio, televisão.

Um dia, passou um homem que viu, no meio da equipa, uma jogadora de estatura fenomenal. Aproximou-se dela e disse:

— Menina, tu és um monumento. O teu lugar é entre os deuses.

Na altura, ela não percebeu nada.

Então, o homem a levou para longe da equipa e disse:

— Menina, tu és uma águia! Tu pertences ao céu e não à terra. Abre as tuas asas e voa!

Ela olhou para todos os lados e estremeceu, invadida pelo medo das alturas. E não voou.

Voltou a experimentar, com o olhar fixo no dourado solar. Concentrou-se e lançou-se no voo. Subiu, subiu e se colocou num ponto invisível além do horizonte.

Ela era, afinal, uma águia de ouro.

Águia d'Ouro era também o nome do clube de onde foi afastada por decreto. Os olhos cegos deste mundo não enxergaram a verdade. No clube, afastaram a águia e ficaram com as galinhas macho, por não perceberem que a verdadeira águia de ouro era ela!

3

Na escola, lhe chamam Maria de Lurdes. Outros a tratam simplesmente por Maria. De sobrenome Mutola, porque os ancestrais untavam o corpo com óleo sagrado da mafurra. Eles tolam, untam-se. Por isso, lhes chamaram Mutola, os ungidos pelos deuses!

Depois de deixar o futebol, abraçou outra arte. Tornou-se atleta. No mundo das corridas, chamaram-lhe apenas Maria Mutola.

Mutola coloca os olhos no céu em cada passo e corre, de alma leve e limpa, lubrificada pelo m'tona, o mágico óleo de mafurra. Em cada gesto, elevando a bandeira da nação, na síntese de todos os sonhos de todas as gerações, de toda a gente da nossa terra.

Águia real, ela vai ao encontro dos deuses. De lá, nos traz os cálidos raios de sol que confortam as nossas almas e iluminam as noites das nossas vidas. Vitória aqui, medalha acolá, a nossa bandeira flutuou vitoriosa até alcançar o trono dourado do Zulwine, o Olimpo!

Por isso, cada vez que passa uma águia, as andorinhas bailam no céu e a terra inteira levanta os olhos para o alto em êxtase e delírio:

Obrigada Mutola, que encarnaste o espírito de Mondlane e te lançaste no voo da águia!

Que transformou o próprio corpo em Chivambo.

Filha dos espíritos dos N'wanati, de Kambana, de Dzovo, de Maundlane, de Maxele, de Ngomati, de Nyathe – o grande Zambeze!

Das tuas asas de águia, teceste o Chitlango que nos elevou ao mais alto do Zulwine, onde a morte não existe.

Ungiste o corpo e a alma do nosso povo com o m'tona, óleo sagrado do Olimpo.

Obrigada Mutola, águia dos deuses!

